

JOVENS NA INICIAÇÃO CIENTÍFICA: EXPERIÊNCIAS DE GÊNERO E EMOÇÕES

YOUTHS IN SCIENTIFIC RESEARCH: GENDER AND EMOTIONS EXPERIENCES

JUVENTUD EN INVESTIGACIÓN CIENTÍFICA: EXPERIENCIA DE GÉNERO Y EMOCIONES

Bruna Navarone Santos¹

Cristiane Nogueira Braga²

Ana Tereza Pinto Filipecki³

Isabela Cabral Félix de Sousa⁴

Resumo: Este trabalho privilegia as experiências de gênero e as emoções de alunos(as) de Ensino Médio do Programa de Vocação Científica da Fundação Oswaldo Cruz. Investigamos se e como as emoções estão relacionadas a estereótipos de gênero. Foram revisadas entrevistas semiestruturadas, realizadas em 2006, com oito moças e sete rapazes sobre suas expectativas, práticas e escolhas acadêmicas e/ou profissionais. Identificamos nos relatos mais moças que rapazes escolhendo Medicina, como futura carreira, e elas se ressentindo pela restrição dos responsáveis por seu engajamento fora do lar.

Palavras-chave: Gênero. Emoção. Ensino médio. Iniciação científica

Abstract: This work privileges the experiences of gender and emotions of High School students of the Scientific Vocation Program from the Oswaldo Cruz Foundation. We investigated whether and how emotions are related to gender stereotypes. Semi-structured interviews were conducted in 2006 with eight girls and seven boys about their expectations, practices and academic or professional choices. We have identified in the reports that more girls than boys choose Medicine as a future career and girls are resentful of the restriction from parents in their pursuits outside their homes.

Keywords: Gender. Emotion. High school students. Scientific research initiation

Resumen: Este trabajo privilegia las experiencias de género y las emociones de alumnos de Enseñanza Media del Programa de Vocación Científica de la Fundación Oswaldo Cruz. Se investigó si y cómo las emociones están relacionadas con los estereotipos de género. Se revisaron entrevistas semiestruturadas, realizadas en 2006, con ocho niñas y siete chicos sobre sus expectativas, prácticas y elecciones académicas y/o profesionales. Identificamos en los relatos más niñas que chicos eligiendo Medicina, como futura carrera, y las niñas resistiendo por la restricción de los responsables en su compromiso fuera de la casa.

Palabras-clave: Género. Emoción. Escuela secundaria. Iniciación científica

Envio 15/04/2018 Revisão 15/04/2018 Aceite 21/09/2018

¹Bacharel e Licencianda em Ciências Sociais e bolsista de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq) – Brasil. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – *Campus Maracanã* e Fundação Oswaldo Cruz. E-mail: bnavarone@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com o apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

²Mestre em Ensino em Biociências e Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. E-mail: cpercini@gmail.com

³Doutora em Meio Ambiente. Fundação Oswaldo Cruz. E-mail: ana.filipecki@gmail.com

⁴Doutora em Educação Internacional/Intercultural. Fundação Oswaldo Cruz. E-mail: isabelacabralfelix@gmail.com

Introdução

Historicamente a ciência ocidental foi protagonizada e vista como uma atividade exercida por mais homens em relação a mulheres. Somente após a segunda metade do século XX com a luta dos movimentos sociais criticando desigualdades sociais, estereótipos e discriminação de gênero que ocorre, entre outras coisas, a crescente reivindicação por empregos formais para mulheres, entre eles os ligados às atividades científicas. As políticas e ações desenvolvidas por universidades, órgãos governamentais e por renomados centros de pesquisas também promovem o acesso cada vez maior à educação científica e às carreiras, tradicionalmente ocupadas por homens (Tabak, 2007).

Há profissões socialmente consideradas femininas ou masculinas. Por exemplo, Barreto (2014, p.27-29) verifica nos dados do INEP/ENADE de 2008, 2009, 2011 e 2012 que as mulheres comparadas aos homens são maioria nas áreas de Ciências Biológicas, Ciências Humanas e Sociais. Nesta mesma pesquisa, a análise mostra que enquanto os cursos de Letras, Pedagogia, Psicologia, Secretariado Executivo e Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos são mais frequentados por mulheres, os cursos de Computação, Estatísticas, Engenharias e Física são mais cursados por homens.

Muitos programas e iniciativas surgiram desde então e o Programa de Vocação Científica da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, unidade técnico-científica da Fundação Oswaldo Cruz (Provoc-Fiocruz), no Rio de Janeiro, possibilita há mais de trinta anos que alunos(as) iniciem as atividades científicas por convênios firmados com escolas de Ensino Médio e/ou organizações não governamentais. Este programa abrange a estratégia de ensino-aprendizagem típica da Iniciação Científica: atividades de investigação que podem desenvolver habilidades fundamentais ao processo de construção de conhecimentos científicos, como a formulação de problemas, técnicas de pesquisa, metodologia, argumentação verbal e escrita (Ovigli, 2014).

O objetivo deste trabalho é analisar as entrevistas realizadas com oito moças e sete rapazes do Provoc para investigar se há relatos de expectativas de papéis de gênero estereotipados, ao participarem deste programa. Sabe-se que as expectativas, práticas e escolhas acadêmicas e/ou profissionais destes(as) jovens podem estar associadas às relações de gênero visto que existem aprendizagens e profissões caracterizadas como femininas e masculinas.

Portanto, utilizam-se categorias sobre emoção e desenvolvimento pessoal para análise destes relatos. Algumas destas representam expressões de resistência das moças diante destas expectativas estereotipadas.

Metodologia

As entrevistas qualitativas foram desenhadas com 39 questões semiestruturadas e realizadas em 2006 com oito moças e sete rapazes, estudantes do Provoc-Fiocruz do Rio de Janeiro, com idades entre 16 a 22 anos. Estas entrevistas foram analisadas, primeiramente, privilegiando o conteúdo. Neste artigo se priorizou as emoções dos relatos destes(as) jovens quanto às opiniões de suas famílias com relação à participação de atividades fora de casa e fora da escola; práticas no Provoc e suas escolhas acadêmicas e/ou profissionais. Estes relatos foram tratados a partir da análise de conteúdo sugerida por Minayo (1994) que abrange as seguintes fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Na primeira fase, organizaram-se as entrevistas dos(as) alunos(as) que estavam transcritas à mão e foram digitadas para fins de análise. Foram feitas leituras do material de forma a encontrar orientações para análise e registrar impressões. Considerando os objetivos e as questões de estudo já citadas, definiram-se unidades de registro – frases relevantes dos relatos – unidades de contexto – a situação do qual fazem parte as mensagens destes relatos – e categorias – estas abrangem elementos ou aspectos com características em comum ou que se relacionam entre si (Minayo, 1994). As categorias foram formuladas a partir da leitura dos relatos. Na segunda fase, mediante várias leituras destas entrevistas, aplicou-se o que foi estabelecido anteriormente. E na terceira fase investigamos o que está subjacente aos relatos destes (as) estudantes. Para esta investigação, procuramos estabelecer articulações entre os dados e os referenciais teóricos desta pesquisa com base nos objetivos. Para todo o processo de análise e construção das figuras foi utilizado o *software ATLAS.ti 7.5.10*.

O Programa de Vocação Científica na Fundação Oswaldo Cruz

No Brasil, o Programa de Vocação Científica (Provoc) é o primeiro a inserir jovens de Ensino Médio nos laboratórios de pesquisa sob a supervisão de um orientador. Estes(as) alunos(as) são alocados em laboratórios com ampla gama de linhas de pesquisa em sua maioria

voltadas às áreas de Ciências Biológicas e Saúde. Sabe-se que desde seu estabelecimento mais moças do que rapazes têm ingressado nesta iniciação científica: 1375 moças e 627 rapazes, desde 1986 até 2018. No total, as moças representam 68,7% dos estudantes que já ingressaram no Provoc, o que torna este estudo de especial relevância.

Este programa possibilita aos estudantes de Ensino Médio de instituições educacionais conveniadas (escolas públicas, privadas e organizações da sociedade civil de interesse público) tanto experiências em ambientes de pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz quanto em desenvolvimento de projetos tecnológicos. Os estudantes do Provoc têm a possibilidade de se familiarizarem com questões relacionadas às práticas do ambiente de trabalho e a participação deles têm levado muitos à definição ou redefinição das escolhas acadêmicas e/ou profissionais.

Gênero: o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens

As concepções de gênero de Joan Scott (1995), Alice Rossi (1965) e Jean Anyon (1990) são importantes para compreender as desigualdades de gênero que são relatadas pelos(as) alunos(as) do Provoc. Com vistas a possibilitar uma reflexão crítica dos seus relatos, percebe-se que é fundamental compreender as representações dos papéis feminino e masculino não como naturais e universais, e sim culturais e históricos, pois, socialmente, algumas condutas guiam os indivíduos para que adotem características psicológicas e comportamentais a respeito de estereótipos ligados a gênero. Estes estereótipos são divisões binárias, estabelecidos como oposição: ao homem atribui-se competência e racionalidade e as mulheres associa-se calor emocional, afetividade e sensibilidade (Formiga, 2006).

Joan Scott (1995) explica que: " (...) as feministas começaram a utilizar a palavra 'gênero' mais seriamente, num sentido mais literal, como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos (...)" (Scott, 1995, p.72). Desta forma, o termo "gênero" apresentado por Scott (1995) apresenta-se como uma forma de indicar construções culturais – a criação social de ideias sobre os papéis socialmente adequados às mulheres e aos homens, referindo-se às origens sociais das identidades subjetivas de mulheres e homens. Nesta perspectiva, as explicações biológicas não podem dar conta de explicar as desigualdades sociais tendendo a naturalizar e universalizar diversas formas de subordinação feminina.

Rossi (1965) argumenta existirem diferenças sociais entre mulheres e homens americanos nas suas práticas, na questão da independência, persistência e do distanciamento do convívio social que por sua vez favorece os homens em participarem mais do que as mulheres da carreira científica. Esta autora também argumenta que as mulheres cientistas não diferem dos homens nas características relevantes para o seu papel ocupacional. São estas: “alta habilidade intelectual” no que diz respeito à espacial e a matemática; “distanciamento social” no sentido de baixo interesse em participar de atividades sociais; “elevada independência” que significa preferir estar livre de supervisão e trabalhar por conta própria e “persistência no trabalho” que denota dedicar intensa energia neste, realizando a satisfação pessoal pelo trabalho (Rossi, 1965, p.1200, tradução nossa).

A abordagem de Jean Anyon (1990) com base empírica em observação e entrevistas com crianças americanas da 5ª série, pertencentes às classes trabalhadora e média afluenta, entende que a construção da identidade de gênero envolve um processo permanente de acomodação e resistência: processo de resposta ativa de mulheres às ideologias contraditórias de gênero. Estas não só determinam o que é um comportamento adequado para elas enquanto mulheres (por exemplo, ser submissa, dependente e doméstica), como também podem definir os meios apropriados para adquirir autoestima e sucesso no mundo competitivo e não doméstico do trabalho (Anyon, 1990).

O processo de acomodação e resistência implica o manejo das emoções e pode ser trabalhado de maneira emancipatória quando ajuda as pessoas a superarem situações de conflito. Wolff (2015), por exemplo, explica como as emoções podem construir formas de resistência política: "Pedaços da alma, pesadelos, vergonha, raiva, sensação de impotência, desespero, esperança, solidariedade, são emoções que comunicam, no discurso, mais que palavras e pensamentos racionais." (Wolff, 2015, p. 986-987). Assim, ter um espaço de escuta nas instituições (família, escola, etc.) e nas relações sociais pode contribuir para lidar com os possíveis conflitos.

As emoções nas relações sociais

Para melhor compreensão das emoções relatadas pelos(as) alunos(as) estudados com relação às expectativas, experiências e escolhas, torna-se fundamentais as concepções de

emoção argumentadas por Hans Gerth e Wright Mills (1954); Peggy A. Thoits (1989) e Wolff (2015) como mediadas por regras sociais. Estas perspectivas permitem analisar as emoções nos relatos de moças e rapazes de forma a esclarecer que algumas destas emoções participam da constituição de certos estereótipos e condutas típicas do feminino e do masculino.

Hans Gerth e Wright Mills (1954) acreditam que a definição social da situação sinaliza a dica de qual emoção e qual conduta o indivíduo manifestará. Estes abordam as emoções como individualmente e socialmente expressas quando dizem que para poder compreendê-las “(...) nós devemos considerar como estas são vivenciadas, como os fatores sociais estão envolvidos nas experiências das atuações destas (...)” (Gerth; Mills, 1954, p.52, tradução nossa).

Já Peggy A. Thoits (1989) destaca que as pessoas não são somente motivadas por interesses econômicos e racionais. Para a autora, vínculos emocionais e compromissos afetivos tais como desejos, atitudes, valores, crenças morais, influenciam parte significativa do comportamento humano. Esta discute ainda que as emoções envolvem: (1) avaliações – o julgamento do valor de alguma coisa – de um estímulo situacional ou contexto; (2) mudanças nas sensações fisiológicas ou corporais; (3) a livre ou inibida manifestação de gestos; (4) um rótulo cultural para diferenciar um ou mais destes três primeiros componentes (Thoits, 1989, p.317-318, tradução nossa). Segundo a estudiosa, estes quatro componentes não precisam estar presentes simultaneamente para uma emoção ser vivenciada ou reconhecida.

Wolff (2015) descreve o estudo das emoções e dos afetos como uma nova área do conhecimento permeando a cultura, a política e a sociedade e nos remete ao conceito de resistência individual ou coletiva. Em relação à política, Christophe Prochasson (2005) defende como nesta área os discursos são pensados em função dos efeitos que buscam causar nas pessoas.

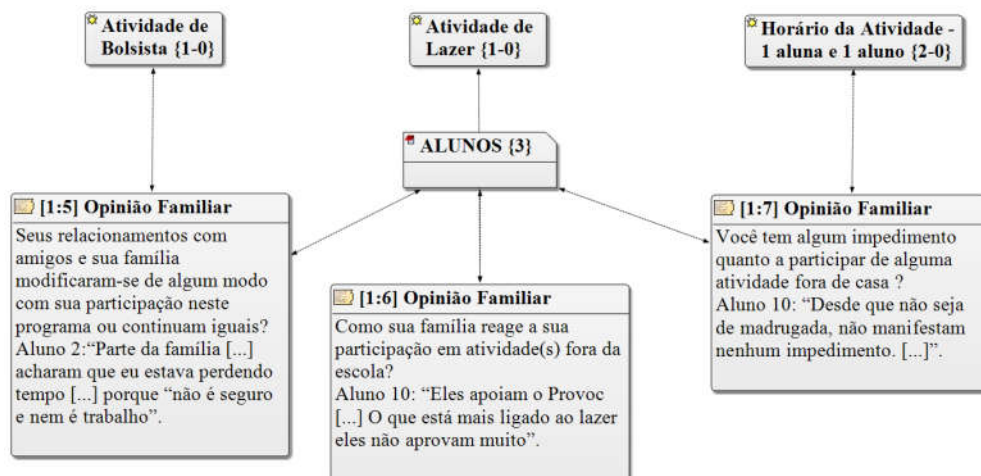
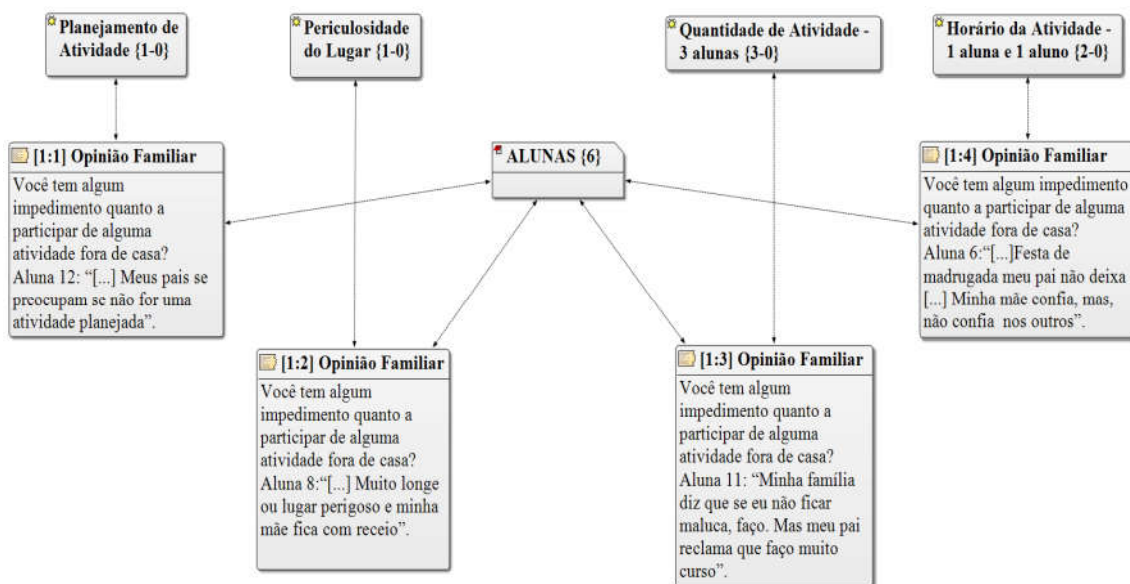
Escolhas, estereótipos de gênero e emoções

Optamos por categorizar os relatos dos(as) alunos(as) da seguinte forma: “opinião familiar sobre atividades fora de casa e escola”; “escolha acadêmica e/ou profissional”; “gosto”; “interesse” e “desenvolvimento pessoal”. A partir desta classificação foram categorizadas expressões dos relatos destes estudantes e selecionadas as frases relevantes para representá-las. Percebe-se nos relatos emoções frequentemente ligadas à convivência com estereótipos de

gênero. Portanto, o foco da discussão recai sobre os relatos que expressam estes estereótipos. Primeiramente, organizou-se a Figura 1 e Figura 2 com relatos dos(as) alunos(as) sobre a opinião familiar com relação às atividades fora de casa e da escola:

Figura 1 – Opinião familiar das alunas com relação às atividades fora de casa e da escola:

Figura 2 – Opinião familiar dos alunos com relação às atividades fora de casa e da escola:



Nestes relatos, as moças, mais que os rapazes, expressam que os pais/responsáveis delas têm mais opiniões desfavoráveis às atividades fora de casa e da escola. Tornam-se evidentes nos relatos das moças e dos rapazes algumas percepções familiares estereotipadas sobre diferenças entre os papéis de gênero. No caso dos relatos delas, a família reproduz o estereótipo naturalizado da “ocupação adequada para a mulher”: vinculada às tarefas domésticas e do âmbito familiar, onde são consideradas capazes de exercer multitarefa ao contrário da possibilidade de serem sobrecarregadas pelas atividades acadêmicas e/ou exteriores à casa e escola. Como também se espera que a mulher cumpra a expectativa, construída socialmente, de ficar mais em casa do que participar em atividades do âmbito público que inclui, no caso das entrevistadas, atividades de iniciação científica do Provoc.

No caso deles, chama a atenção o depoimento de um aluno sobre sua família preferir que tenha carteira assinada ao invés de ser bolsista. Nos demais relatos, as famílias esperam que eles sejam mais independentes e frequentem mais o âmbito público. Ainda que estes atestem que suas famílias exigem obediência a certos padrões de comportamento, também relatam que estas são mais complacentes para com os seus atos.

As entrevistadas da nossa pesquisa escolhem mais áreas tradicionalmente femininas (Psicologia, Biologia e Letras) e os rapazes são os que escolheram mais áreas tradicionalmente masculinas (Física e Militar). Contudo, percebe-se que há mais alunas decididas em seguir a carreira em Medicina, uma das profissões mais prestigiadas em nossa sociedade em que no passado participaram mais homens. De acordo com Scheffer e Cassenote (2013), esta é uma nova tendência no Brasil, pois as mulheres são maioria na formação em Medicina desde 2009, o que ainda não se traduz na prática médica, pois em 2010 os homens eram 60,09% de todos os 364.757 médicos registrados.⁵

A Figura 3 e Figura 4 apresentam as categorias “gosto” e “interesse” e dispõe os relatos destas emoções. Estas foram expressas pelos(as) alunos(as) como justificção para suas escolhas acadêmicas e/ou profissionais:

⁵ O interessante artigo “A ruptura do mundo masculino da medicina: médicas brasileiras no século XIX” de Elisabeth Juliska Rago discute a entrada das mulheres na Medicina brasileira.

Figura 3 – Emoção “gosto” como justificção para escolhas acadêmica e/ou profissional dos(as) alunos(as):

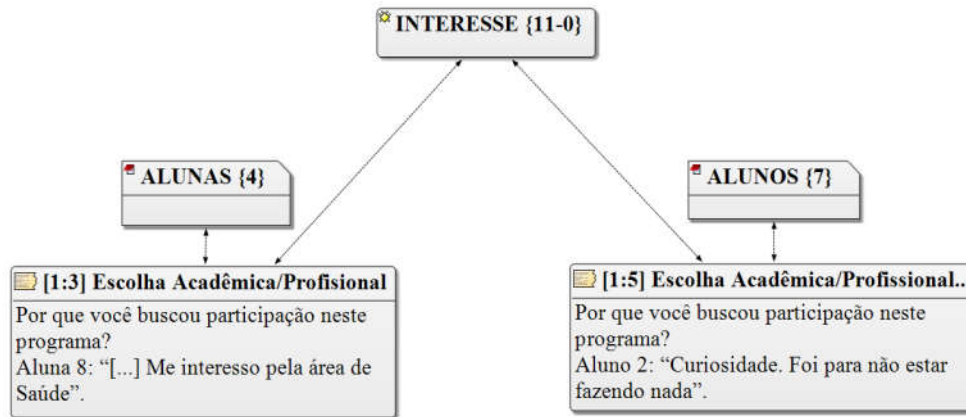
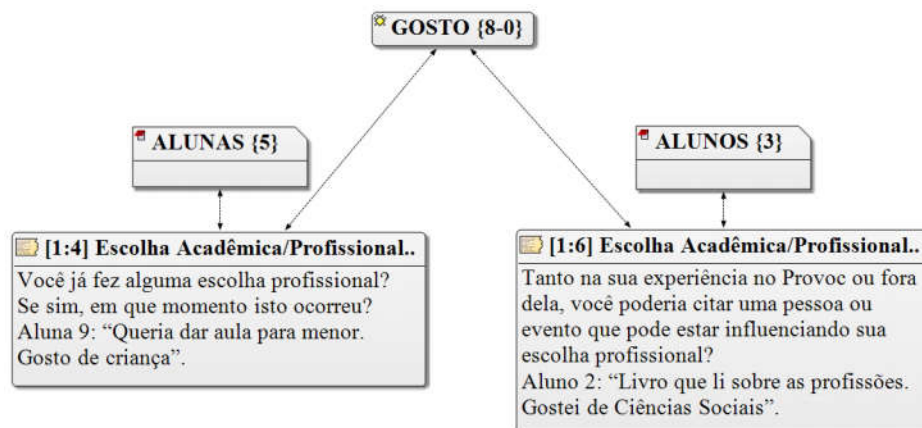


Figura 4 – Emoção “interesse” como justificção para escolhas acadêmica e/ou profissional dos(as) alunos(as):



Com base em Peggy A. Thoits (1989), “gosto” significa *affects* que são as emoções relacionadas às avaliações positivas ou negativas (gostar/não gostar) com relação a um objeto, comportamento ou ideia (Thoits, 1989, p.318, tradução nossa). Wolff (2015) ao dissertar sobre as emoções distingue os afetos como mais ligados à dimensão corporal e os sentimentos à linguagem falada. Entende-se por “interesse” com base em Silvia (2008) a disponibilidade para novas experiências, uma ampla característica associada à curiosidade, o não convencional e à criatividade (Silvia, 2008, p.59, tradução nossa). Silvia também diz que de acordo com a abordagem funcional da emoção, a função do interesse é motivar a aprendizagem e a exploração. Desta forma, ao motivar a pessoa a aprender por si própria, o interesse garante que

o indivíduo irá desenvolver um amplo conjunto de conhecimentos, habilidades e experiências (Silvia, 2008, p.57, tradução nossa).

Dentre os relatos da emoção “gosto”, a mais citada pelas moças, encontra-se um relato de “gosto” por crianças como justificativa para lecionar em Biologia. Neste relato, a aluna se apropria de características emocionais comumente exigidas às mulheres quando são professoras, amar os(as) alunos(as), que também são demandas aos profissionais de saúde: cuidar dos pacientes. No caso das professoras, Fúlvia Rosemberg e Tina Amado (1992) consideram que no Brasil a socialização feminina para o papel materno também é demanda na atuação profissional do magistério, onde se recomenda um tratamento afetivo às crianças. E o cuidado também tem aparecido nas escolhas femininas pela formação médica, pois Scheffer et al (2016) mostram que as médicas brasileiras tendem a explicar mais suas escolhas profissionais pelo: "interesse em fazer o bem" e "interesse na relação entre médico/paciente", enquanto os médicos no Brasil justificam suas preferências pela Medicina mais por "interesse próprio/ no desafio intelectual", "prestígio da profissão" e "possibilidade salarial" (Scheffer et al, p.859, tradução nossa). Portanto, as escolhas profissionais de muitas mulheres vêm enfatizando as disposições de cuidado culturalmente consideradas inerentes.

A emoção “interesse”, a mais citada pelos rapazes, refere-se às características ditas por Rossi (1965) como comuns na socialização dos rapazes e apropriadas para a carreira científica. Deste modo, esta autora discute que desde pequenos os rapazes são mais incentivados do que as moças, tanto na escola quanto em casa, a serem autônomos, independentes, persistentes no trabalho e terem grandes objetivos; enquanto as moças para serem conformadas, submissas, mais responsáveis pelas pessoas e por cuidar dos outros. Esta pesquisadora também considera que as diferenças de socialização entre moças e rapazes estão no tipo e grau de independência que desde pequenos são motivados ou não a desempenhar.

A Figura 5 e Figura 6 apresenta a categoria “desenvolvimento pessoal” em que há exemplos de características relatadas pelos(as) estudantes como adquiridas e/ou desenvolvidas ao participarem do Provoc. Elaboraram-se categorias para representar estas características, considerando os relatos destas moças e destes rapazes:

Figura 5 –Desenvolvimento pessoal adquirido e/ou desenvolvido pelas alunas no Provoc:

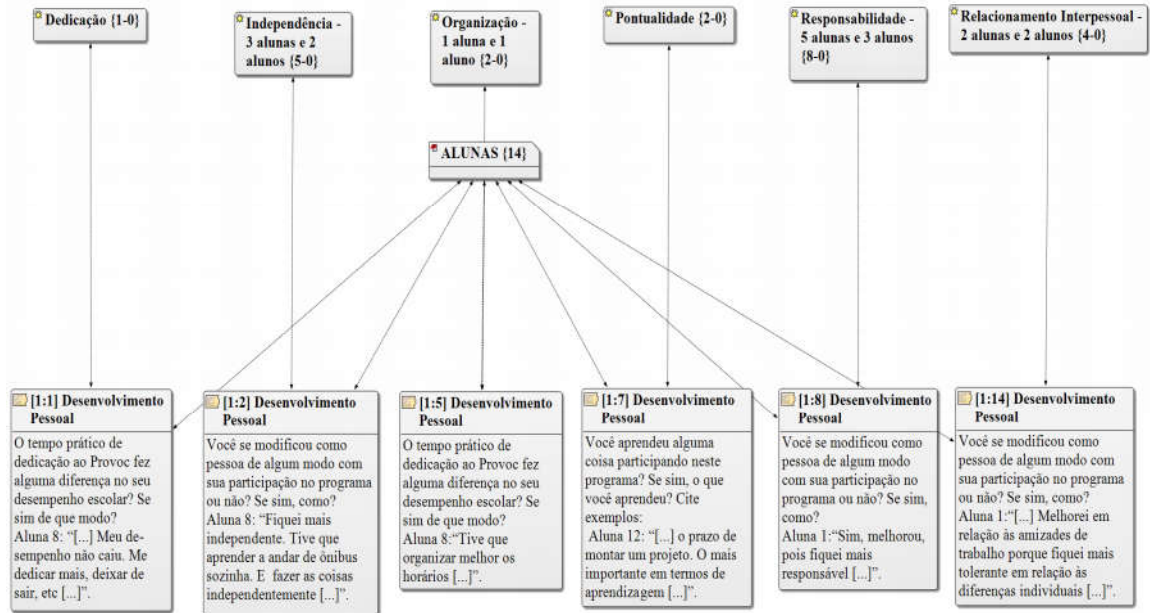
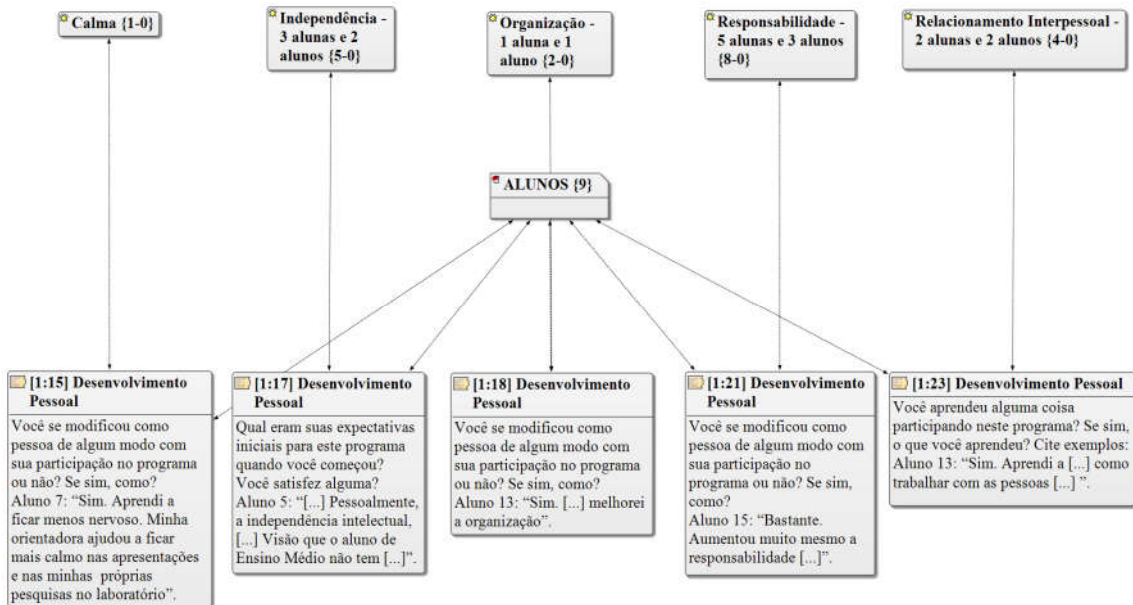


Figura 6 –Desenvolvimento pessoal adquirido e/ou desenvolvido pelos alunos no Provoc:



Enquanto estudantes do Provoc, estes jovens participam de atividades de investigação que envolve o exercício da descoberta, aprendizagem por projetos, questionamentos e resolução de problemas. Estas práticas com base na investigação possibilitam para além da aprendizagem

teórica a construção de conhecimento científico, o desenvolvimento da cooperação entre eles e os(as) orientadores(as) (Ovigli, 2014) e as emoções propícias à prática da iniciação científica.

É importante mencionar que estas categorias de desenvolvimento pessoal têm base na concepção sociológica de desenvolvimento *growing up* abordada por Hans Gerth e Wright Mills (1954). Segundo estes autores (Gerth; Mills, 1954, p.15, tradução nossa) esta significa abdicar alguns papéis e incorporar outros, pois durante o crescimento da pessoa não terá só os pais como exemplos para se espelhar, mas também outras pessoas fora do âmbito familiar para permitir/restringir seus novos papéis e concepção de si mesmo implicada nestes novos papéis. Também se considera como fundamento desta categoria o que Rossi (1965) define como: “elevada independência” “persistência no trabalho”. Observamos nos relatos dos(as) jovens estudados que “elevada independência” e “persistência no trabalho” foram frequentes.

Nota-se que as moças foram as que mais relataram desenvolverem e/ou adquirirem “independência” ao participarem do Provoc, tanto com relação a se deslocarem sozinhas no Rio de Janeiro para tomarem parte deste programa, fazerem as tarefas desta iniciação científica por conta própria e finalmente participarem de um ambiente a princípio não familiar em comparação à escola. Apenas uma moça relatou “dedicação” no que diz respeito a atividades do Provoc, característica que se aproxima da “persistência no trabalho”: dedicar-se mais em relação a este programa e diminuição da frequência em atividades de lazer. Portanto, entende-se que pode ser fundamental na trajetória das moças serem socializadas para a independência que as motivam para serem autônomas e interessadas. Estas podem possibilitar às moças uma maior gama de escolhas acadêmicas e/ou profissionais e propiciar escolhas em áreas que ainda têm pouca presença feminina.

Ressalte-se no que diz respeito às características encontradas nesta análise e socialmente consideradas femininas, são: “calma”, “organização”, “pontualidade”, “responsabilidade” e “relacionamento interpessoal” tanto nos relatos das moças como nos dos rapazes. Estas parecem apropriadas para a desenvoltura das atividades da iniciação científica. De fato, as moças relatam “pontualidade” com relação aos prazos das atividades científicas; um rapaz menciona a “calma” como disposição apropriada no desenvolvimento e apresentação de um trabalho científico; moças e rapazes relatam disposição para “organização” de seus horários; e ambos mencionaram “responsabilidade” com as atividades da iniciação científica e “relacionamento interpessoal”

no sentido de saber conviver com os membros deste ambiente. É interessante frisar que tais fatores são também considerados por Rossi (1965) como características importantes para as atividades que pressupõem uma carreira na ciência. A diferença é que, segundo a autora, há uma necessidade de menor valorização das relações sociais para uma carreira científica renomada. Isto distingue o contexto brasileiro do americano, pois no Brasil as relações sociais são muito valorizadas.

Considerações finais

Este trabalho demonstra que as emoções podem ser promissoras para mudanças sociais se levados em conta nas políticas educacionais. De fato, nesta pesquisa a maioria das alunas não são vítimas passivas de expectativas de papéis de gênero estereotipados, mas são participantes ativas em seu próprio desenvolvimento. Portanto, é interessante buscar a autonomia das alunas por meio das expressões de resistências.

Os relatos destas moças sobre sua participação no Provoc sugerem resistências diante destes estereótipos de gênero. Estas resistências se referem as expressões de emoções quanto a maior participação nas atividades do âmbito público que inclui atividades científicas no Provoc. As alunas foram as que mais citaram terem adquirido características naturalmente atribuídas aos rapazes, descritas como favoráveis ao desempenho de atividades da iniciação científica. Também se nota nas falas das moças e/ou dos rapazes que características consideradas naturalmente femininas foram expressas como favoráveis ao desempenho de atividades científicas.

Embora as instituições familiares possam muitas vezes restringir os objetivos profissionais e/ou acadêmico das moças por áreas tradicionalmente atribuídas aos rapazes, sob o pretexto que estas não dariam conta de tais ambições, os direitos destas de participarem de atividades científicas e de deslocamentos fora do lar devem ser reconhecidos como problemas sociais para serem lidados em conjunto, sejam pelas instituições governamentais, educacionais ou familiares, e não serem deixados para resolverem por si mesmas. Por ora, elas vêm se superando apenas contando com a ajuda de quem é sensível a suas necessidades.

Referências

- ANYON, J. Interseções de gênero e classe: acomodação e resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sexuais. **Cadernos de Pesquisa**, n.73, p.13-25, 1990.
- BARRETO, A. A mulher no ensino superior: Distribuição e representatividade. **Cadernos do GEA**, n. 6, 2014.
- FORMIGA, N. S. Diferença de gênero nos antecedentes das emoções de raiva, alegria e tristeza. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, v. 3, p.1-16, 2006.
- GERTH, H. H.; MILLS, C. W. **Character and social structure: the psychology of social institutions**. London: Routledge & Kegan Paul, 1954.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- OVIGLI, D. F, B. Iniciação científica na educação básica: uma atividade mais do que necessária. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, v. 1, n. 1, p. 78-90, 2014.
- PROCHASSON, C. Emoções e política: primeiras aproximações. **Varia Historia**, v. 21, n. 34, p. 305-324, 2005.
- RAGO, E. J. A ruptura do mundo masculino da medicina: médicas brasileiras no século XIX. **Cadernos Pagu**, n.15, p.199-225, 2000.
- ROSEMBERG, F.; AMADO, T. Mulheres na escola. (1992). **Cadernos de Pesquisa**, n.80, p.62-74, 2013.
- ROSSI, A. S. Women in science: Why so Few? **Science**, v.148, n. 3674, p.1196-1202, 1965.
- SCHEFFER, M. C.; CASSENOTE, A. J. F. The feminization of Medicine in Brazil. **Revista Bioética**, v. 21, n. 2, p. 268-277, 2013.
- SCHEFFER, M. C. et al. Reasons for choosing the profession and profile of newly qualified physicians in Brazil. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 62, n. 9, p. 853-861, 2016.
- SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n.2, p.71-99, 1995.
- SILVIA, P. J. Interest –The curious emotion. **Current Directions in Psychological Science**, v.17, n.1, p.57-60, 2008.
- TABAK, F. Apesar dos avanços: obstáculos ainda persistem. **Cadernos de gênero e tecnologia**, v.3, n.11, p.9-20, 2007.
- THOITS, P. A. The sociology of emotions. **Annual Review of Sociology**, v.15, n.1, p.317-342, 1989.
- WOLFF, C. S. Pedacos de alma: emoções e gênero nos discursos da resistência. **Revista Estudos Feministas**, v.23, n.3, p.975-989, 2015.